

2.1.3 • A comunicação mundializada • A galáxia internet

Terrorismos e *media*

Francisco Rui Cádima

QUANDO SE FALA em terrorismo e *media*, é fundamental começar por reflectir sobre essa mesma relação, no sentido de procurar perceber se, em regra, o carácter espectacular e sensacionalista dessas matérias, sobretudo em contexto dos média tradicionais, tem ou não consequências negativas ou mesmo muito negativas, gerando efeitos miméticos e contribuindo para a repetição desses actos a partir da sua visibilidade pública através dos média.

Modelos de informação miméticos

Num nosso texto (2010) sobre crime violento e televisão tivemos oportunidade de abordar esta questão, deixando algumas referências e alertas relativamente a práticas mais sensacionalistas, em que modelos de informação agressivos e não contextualizados poderão funcionar como activadores ou ter efeitos ‘multiplicadores’, ou efeitos miméticos, com influência no comportamento de um certo tipo de público, isto é, efeitos que podem gerar, em consequência, turbulência social localizada ou mesmo violência no curto prazo, ou poderão inclusive gerar efeitos mais estruturais, que se enraízam e que remetem para respostas ou acções violentas de mais longa duração ou com efeitos a médio e longo prazo.

Convirá desde já recordar um dos estudos de referência sobre média e violência, que nos permitirá enquadrar melhor a questão, nomeadamente de James Halloran, que constitui um marco teórico nos anos oitenta e que mantém toda a actualidade.

O trabalho de James Halloran

A análise incidia sobre a violência na televisão norte-americana e abordava a possível existência de uma prova acusadora contra a televisão. As conclusões eram muito cautelosas. Falava-se de uma possível relação causal entre a exposição a actos de violência na televisão e a conduta agressiva, concluindo que esta se verificava só em jovens que estão predispostos a ser agressivos, e só em algumas circunstâncias: “reconhece-se que tanto o visionamento frequente de actos de violência como a conduta violenta ou agressiva podem ser o resultado conjunto de alguma outra fonte comum” (Halloran, 1981: 145).

O autor referia que este estudo confirmava os dados por si obtidos em estudos realizados na Grã-Bretanha “Este e outros estudos levaram-nos a afirmar que não se havia demonstrado suficientemente que a televisão (ou outros meios de comunicação) se possa considerar como uma causa ou sequer como um importante factor que contribua para alguma forma de conduta violenta” (Halloran, 1981: 145).

E concluía que “o que nos deveria surpreender é a persistência com que os investigadores continuam à procura de relações de causa e efeito” (Halloran, 1981: 146). Segundo Halloran, na verdade, em sentido estrito, a questão do “efeito da televisão” é uma questão deslocada, porque, de facto, “quase nunca fazemos perguntas desse tipo acerca de outras instituições como a família, a religião ou a educação” (Halloran, 1981: 146).

Os média: “oxigénio” para o terrorismo

Daniel Dayan (2009) autor de um livro sobre terrorismo e televisão considera, na sua perspectiva, que os média funcionam como verdadeiro “oxigénio” para o terrorismo, dando-lhe “visibilidade”.

“**Os excessos sensacionalistas sobre a actualidade trágica e a omnipresença do crime mediatizado reforçam a convicção de que todos somos vítimas expostas.**”

Segundo Dayan, o acto terrorista tem como destinatário último a esfera pública: é a esta que se destina a mensagem. Actualmente, terrorismo e meios de comunicação audiovisuais são co-produtores de um dos grandes géneros discursivos dos nossos tempos, tal como o directo ou um *reality show*. Paradoxalmente, em vez de condenar o terrorismo, a televisão concede-lhe uma publicidade sem a qual ele não existiria. Assim, esta parceria traduz-se na emergência de uma

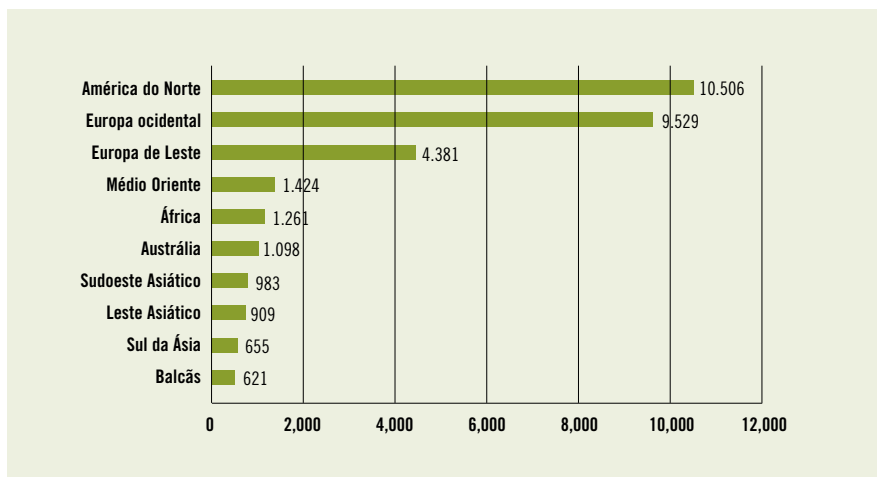
nova retórica. Há, de facto, uma relação directa entre a ubiquidade das câmaras de vídeo e a difusão dos atentados suicidas e as decapitações ritualizadas.

No caso da imprensa e de acordo com uma análise de Papacharissi e Oliveira (2008: 70) verificam-se diferentes abordagens, por exemplo, entre os casos norte-americano e britânico, sendo que existe um alinhamento das notícias com a política correspondente em ambos países, apontando para uma simbiótica relação entre a agenda política e a imprensa.

Mas verifica-se uma *nuance* significativa entre as duas estratégias, isto é, a imprensa do Reino Unido dedicava mais espaço e um maior enfoque a partir da dimensão diplomática, enquanto a imprensa norte-americana aprofundava mais a análise a partir das estratégias militares.

Um dos estudos específicos mais recentes, agora mais no contexto do terrorismo, é da autoria de Michael Jetter (2014) e vem colocar uma hipótese mais determinista a partir da investigação feita ao longo de vários anos. Uma das possibilidades colocada nesta investigação, ainda que não esteja totalmente comprovada, aponta para que determinado tipo de cobertura mediática sensacionalista de actos terroristas possa resultar em mais actos cometidos.

Os média internacionais, para além disso, têm sido em boa parte uma plataforma de divulgação desses actos e da actualidade trágica, em determinadas circunstâncias constituída em *fail-divers*, isto em vez de serem um filtro redutor desse mesmo impacto e da divulgação da sua mensagem, o que acaba por ir ao encontro da pretensão prioritária dos grupos radicais terroristas no plano internacional, quaisquer que eles sejam.



Média de artigos noticiosos por incidente terrorista.

Fonte: Darling-Hammond, S. (2015). *Lives fit for print: media coverage of terror attacks in western vs. non-western countries*. Original disponível em <https://bendittowardjustice.wordpress.com/2015/11/16/coverage-of-terrorism-in-western-vs-non-western-countries/>.

Por exemplo, Jetter coloca a hipótese do destaque dado pelos média a missões suicidas poderem ser factores de reforço mimético entre os radicais que mostram disponibilidade para mártires, pelo que, do seu ponto de vista, se torna imperioso repensar o modo sobretudo sensacionalista como os média tratam a questão. Jetter refere ainda que esquecem dramas mais graves e dramáticos a nível global, embora sem a visibilidade dos atentados terroristas.

Plataformas digitais como palco de radicalismos

No caso da bibliografia portuguesa, veja-se em particular o estudo de Rui Alexandre Novais (2012) onde concorda que o sucesso dos atentados terroristas ainda está dependente da publicidade oferecida pelos média, apesar de uma progressiva desterritorialização da utilização por parte dos grupos terroristas para as plataformas digitais, reapossando-se das funções habituais dos média convencionais e complementadas com novas competências.

Na verdade, para além de uma já 'clássica' utilização no plano dos ataques ciberterroristas, a Internet constituiu-se num poderoso recurso de qualquer tipo de radicalismo, designadamente no que concerne à coordenação e difusão de actividades de agitação e propaganda associadas a acções e atentados no terreno.

No entanto, a possível relação causa-efeito nesta matéria não é nada pacífica, como refere Yvonne Jewkes, pondo em destaque a característica de *fait-divers* de determinados acontecimentos que ascendem à 'dignidade' mediática, e as *performances* trágicas que o terror pretende ver nessa mesma lógica reconhecidas por uma certa cultura mediática. Mas concede que os excessos sensacionalistas sobre a actualidade trágica e a omnipresença do crime mediatisado reforçam a convicção de que todos somos vítimas expostas, não somente dessa espécie de 'fascínio' contemporâneo pelo crime mediatisado, mas sobretudo expostos à própria experiência vivida perante um qualquer ato violento gratuito ou não.

Não há, portanto, aqui, quer em matéria de violência e média, quer em matéria de média, *new media* e terrorismo, um consenso em torno da questão dos efeitos.

Aliás, como nunca houve no campo dos estudos dos média... Mas há tendências e regularidades comprovadas em determinados contextos que estão de certa forma consensualizadas pelo que vimos atrás. ■

Referências

Cádima, F. R. (2010). Jornalismo televisivo e crime violento, ou sobre um decisivo "não-dito". *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.13, n.3, (set./dez), disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/500/464>.

Dayan, D. (2009). *O terror espectáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa, Edições 70.

Darling-Hammond, S. (2015). *Lives fit for print: media coverage of terror attacks in western vs. non-western countries*. Disponível em <https://bendittowardjustice.wordpress.com/2015/11/16/coverage-of-terrorism-in-western-vs-non-western-countries/>.

Ferro, M. (1983). *Fait divers, fait d'histoire, Annales ESC*, (Juillet-Aout), pp. 821-826.

Halloran, J. (1981). Los medios de comunicación social: síntomas o causas de la violencia? In *La Violencia y sus Causas*, La Editorial de la Unesco, Paris, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000430/043086so.pdf>.

ITU ICT facts and figures: the world in 2015 (2015). International Telecommunication Union, disponível em <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/facts/default.aspx>.

Jetter, M. (2014). *Terrorism and the Media*. Bonn, Institute for the Study of Labor, IZA DP n.º 8497, disponível em <http://ftp.iza.org/dp8497.pdf>.

Jetter, M. (2015). *Blowing things up: the effect of media attention on terrorism*, Discussion Paper. The University of Western Australia, disponível em http://www.business.uwa.edu.au/_data/assets/pdf_file/0003/2823915/DP-15_28_Jetter1.pdf.

Jewkes, Y. (2011). *Theorizing Media and Crime*, in Jewkes, Y. (org.) *Media & Crime*, London, Sage, pp. 10-38, disponível em http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/6583_02_Jewkes_Ch_01.pdf.

Novais, R. A. (2012). *Media e (Ciber)Terrorismo, Nação e Defesa*, n.º 133, 5.ª Série, pp. 89-103, disponível em http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaoodefesa/resumo_abstract/NeD133_RuiAlexandreNovais_Resumo.pdf.

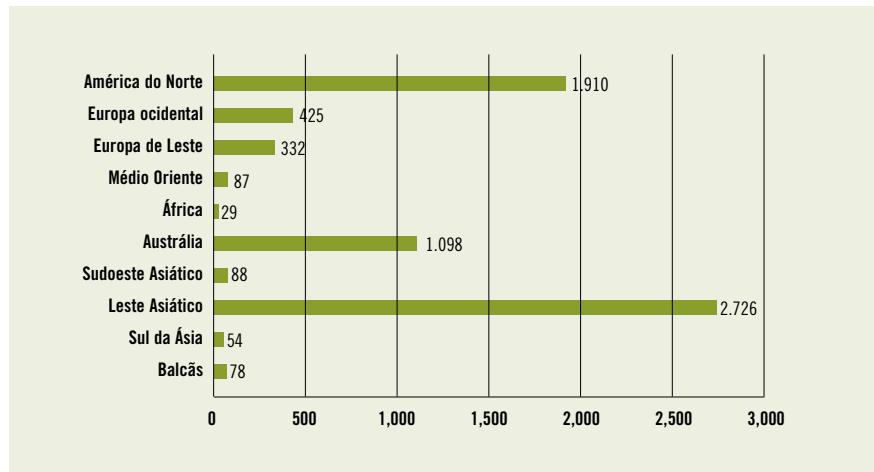
Papacharissi, Z. & Oliveira, M. F. (2008). News frames terrorism: a comparative analysis of frames employed in terrorism coverage in U.S. and U.K. *The International Journal of Press/Politics*. Sage Publications, 13, pp. 52-74

Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2016: *dividendos digitais* (2016), International Bank for Reconstruction and Development, doi: 0.1596/978-1-4648-0671-1, disponível em <https://openknowledge.worldbank.org/>.

Soldatov, A. & Borogan, I. (2015). Inside the Red Web: Russia's back door onto the internet. Extract. *The Guardian*, (8 Sep), disponível em <http://www.theguardian.com/world/2015/sep/08/red-web-book-russia-internet>.

The Global Information Technology Report 2015: ICTs for inclusive growth (2015). World Economic Forum. Geneva (April), disponível em http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_IT_Report_2015.pdf.

Vehovec, T. (2016). *Sérvia: propaganda 2.0*. *Courrier International*, n.º 241, (Mar), pp. 50-51.



Média de artigos noticiosos por fatalidade.

Fonte: Darling-Hammond, S. (2015). *Lives fit for print: media coverage of terror attacks in western vs. non-western countries*. Disponível em <https://bendittowardjustice.wordpress.com/2015/11/16/coverage-of-terrorism-in-western-vs-non-western-countries/>.